

O TRABALHO COMO PRINCÍPIO PEDAGÓGICO DOS CÍRCULOS DE CULTURA DE PAULO FREIRE

David Lucas Oliveira da Silva ¹
Bruno Jadson Jardelino Gomes ²
Virna Ferreira de Mesquita ³
Viviane Brás dos Santos ⁴

RESUMO

O patrono da educação brasileira Paulo Freire (1983) materializou suas concepções pedagógicas nos Círculos de Cultura. Dito isso, o método partia da relação dos/as discentes com sua realidade concreta (FREIRE, 1975). É mister destacar que a grande maioria dos/as membros/as dos Círculos de Cultura estavam inseridos/as no mercado de trabalho, conseqüentemente sua prática de ensino partia da atividade vital dos sujeitos aprendentes. o objetivo do presente artigo é refletir o trabalho como princípio pedagógico nos processos de alfabetização nos Círculos de Cultura de Educação Popular presentes no semiárido baiano. Para tanto, a metodologia utilizada parte do paradigma qualitativo (SEVERINO, 2007), e teve como tipo de pesquisa as narrativas de vida, isto é, o método científico que parte da experiência empírica dos sujeitos que vivenciaram o fenômeno (SOUZA; MEIRELES. 2018). Foram realizadas entrevistas narrativas com os/as antigos monitores/as dos Círculos de Cultura. Estes que na década de 1990 correspondiam a doze monitores/as nos Territórios de Identidade: Piemonte Norte do Itapicuru e Piemonte da Diamantina situados semiárido baiano. Outrossim, as atividades dos Círculos de Cultura eram norteadas pelas palavras geradoras que partiam do contexto em que os sujeitos aprendentes estavam inseridos (FREIRE, 1975). Segundo os/as colaboradores/as da pesquisa as palavras geradoras emergiam do trabalho dos membros. Assim, Lukács (2011) salienta que o trabalho é atividade ontológica do ser humano e sem ele não haveria sobrevivência da espécie. A educação surge de a necessidade do/a homem/mulher ensinar as novas gerações como adaptar a natureza através do trabalho (SAVIANI, 2013). Ademais, alguns Círculos de Cultura aconteciam em assentamentos de reforma agrária os/as monitores/as dos Círculos de Cultura apontam que sempre utilizavam como palavra geradora a enxada, pois era uma ferramenta de trabalho comum naquele contexto. Contudo, os Círculos de Cultura promoveram práticas pedagógicas libertadoras para sujeitos oprimidos do semiárido baiano, através dos fundamentos da didática freiriana e do trabalho como princípio pedagógico.

Palavras-chave: Círculos de Cultura, Educação Popular, Paulo Freire, Alfabetização, Trabalho.

Primeiras palavras

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus VII Senhor do Bonfim, E-mail: davidlucas6941@gmail.com;

² Graduando do Curso de Licenciatura plena em História da Universidade Federal do Ceará – UFC, e-mail: brunojadson.14@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura plena em História da Universidade Federal do Ceará - UFC, e-mail: virnaferreira07@gmail.com;

⁴ Professora na Universidade do Estado da Bahia - UNEB/Campus VII Senhor do Bonfim. Doutoranda em Educação - PPGED/UFS. Mestra em Educação, Cultura e Território Semiárido - PPGESA, UNEB. E-mail: vivianebras.pedagogia@gmail.com.

A educação popular consiste em um movimento histórico dos espaços de ensino não escolares que galgam promover a formação humana de trabalhadores/as. Em face disso, Gadotti (2012) escreve que na segunda metade do século XX os movimentos sociais passaram a desenvolver projetos de educação popular para aguçar o pensamento crítico da classe subalternizada. Nesse ensejo, emergiram-se novas estruturas didáticas para que fosse possível a incorporação de saberes a estes que tiveram seu direito à educação negligenciado pelo Estado.

Diante disso, o intelectual brasileiro Paulo Freire é considerado um dos principais expoentes da educação popular por ter suscitado diversos movimentos de formação libertadora do proletariado. Nessa seara, destacam-se os Círculos de Cultura enquanto espaço de reconhecimento dos trabalhadores/as marginalizados/as enquanto sujeitos históricos que produzem conhecimentos a partir da sua atividade vital (FREIRE, 2022a). Nesse aspecto, Silva, Gomes e Rios (2022) destacam que os Círculos de Cultura do semiárido baiano atuavam, sobretudo, nas comunidades rurais a fim de desenvolver suas práticas junto aos povos camponeses.

Outrossim, o presente projeto é edificado na pulsão pela denúncia das práticas de ensino que reproduzem o *status quo* vigente, ao passo que vem anunciar a pedagogia da libertação que busca instigar a consciência de classe nos sujeitos aprendentes (FREIRE; FREIRE, 2021). Ademais, a teoria problematizadora de Freire (1975) é apresentada nos cursos de formação docente como uma utopia a ser atingidas escolas, porém as epistemologias freirianas são vivenciadas cotidianamente pelos educadores populares dos movimentos sociais. Diante dos pressupostos científicos apresentados, analisar-se nesse texto qual a relação da categoria trabalho com Círculos de Cultura de educação popular presentes no semiárido baiano?

Durante buscas realizadas na plataforma *Scielo* (2022) utilizando os termos estágio e educação popular encontrou-se apenas cinco artigos científicos que se ocuparam na reflexão das temáticas. Bem como ao ampliar as palavras-chave para Círculos de Cultura, educação popular e trabalho não foram encontradas nenhum texto científico que unisse as citadas categorias (SCIELO, 2022). Em face dessa premissa torna-se necessário a realização de pesquisas que abranjam esse campo epistêmico. Sendo assim, o objetivo do presente artigo é refletir o trabalho como princípio pedagógico nos processos de alfabetização nos Círculos de Cultura de Educação Popular presentes no semiárido baiano.

Percursos metodológicos

Realizou-se nesse artigo uma pesquisa de cunho qualitativo que busca compreender as relações de ensino e aprendizagem a partir de reflexões minuciosas das relações subjetivas existentes nesse processo (CHIZZOTTI, 2003). Assim, para Pádua (2016, p. 40 e 41): “a pesquisa qualitativa, ao buscar o sentido, o significado e a relevância dos achados, tem por objetivo observar e interpretar a realidade a ser estudada, por meio de procedimentos metodológicos diversificados, buscando explicações alternativas”.

Para tanto, utilizou-se como método as narrativas de vida para percorrer as memórias da pedagogia libertadora proposta pelos Círculos de Cultura no final do século XX. “Pesquisa de narrativas [...] em educação. Por que? Rememorar a própria história de vida [...], dando forma e texto a lembranças das experiências de vividas nos âmbitos pessoal, profissional e acadêmico” (RIOS, 2018, p. 20). Dessa maneira, para que seja possível o desenvolvimento de textos científicos sobre os múltiplos contextos educacionais que não tiveram seus registros preservados em registros escritos e conseqüentemente em arquivos, é extremamente necessária a busca nas memórias dos atores sociais que experienciaram o fenômeno. Por seu turno, Souza (2011, 61 - 62) escreve que:

Quais foram as circunstâncias que possibilitaram a utilização da memória e da narrativa como fontes críveis de produção de conhecimento, inclusive, de um conhecimento com potencialidade formativa? A valorização dessas fontes ocorreu no bojo da alteração paradigmática produzida a partir das dúvidas levantadas sobre a capacidade, do conjunto de referências teóricas e metodológicas das ciências naturais, de dar conta da compreensão dos fenômenos sociais. Problematizou-se, então, a noção de cientificidade a partir da contestação do positivismo que, até então, constituía-se como ideia reguladora hegemônica na produção do conhecimento válido.

Nessa conjuntura, entre os instrumentos de coleta de dados que serão usados neste trabalho destaca-se o diário de bordo, isto é, um material onde se registra cotidianamente os fenômenos existentes durante o processo de pesquisa (DEMO, 2003). Além disso, ocorreu uma observação (LÜDEK; ANDRÉ, 1986) minuciosa do comportamento dos membros do Círculo de Cultura a fim de desvelar os impactos do sistema didático freiriano. Ademais, encontrou-se na entrevista narrativa um meio para a obtenção dos dados dessa pesquisa, pois na perspectiva teórica de Jovchelovichs (2002, p. 91) “a entrevista narrativa [...] tem em vista uma situação que encoraje e estimule o entrevistado [...] a contar a história sobre algum acontecimento importante da sua vida e do seu contexto social. A técnica recebe seu nome do latim *narrare*, relatar, contar uma história”.

Outrossim, o *locus* dessa pesquisa são duas regiões situada em terras semiáridas do norte da Bahia. Dito isto, torna-se necessário elencar que para a maior efetivação de políticas públicas

educacionais, sociais e econômicas nesse estado adotou-se o conceito de territórios de identidade (BAHIA, 2004). Sendo assim, os Territórios de Identidade estudados nesse processo de busca científica são: o Piemonte Norte do Itapicuru (TIPNI) e o Piemonte da Diamantina (TIPD). Para se desenvolver maior aprofundamento acerca da realidade dos Círculos de Cultura nas respectivas regiões recorreu-se aos antigos monitores/as que atuaram nesse movimento de educação popular na década de 1990. Com isso, o colaborador dessa pesquisa será mencionado ao longo do texto com o nome Zelito para salvaguardá-lo como é exigido pela integridade da pesquisa.

A alfabetização presente nos Círculos de Cultura de Paulo Freire

O patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1975) ganhou notoriedade internacionalmente mediante as inúmeras traduções de sua obra *Pedagogia do Oprimido*. Apesar disso, Saviani (2021) afirma que no Brasil o teórico é conhecido majoritariamente por suas concepções de alfabetização. Nesse sentido, a concepção freiriana de alfabetização é alicerçada na dialética entre a leitura de mundo e a leitura da palavra, em face disso os conhecimentos empíricos dos educandos devem nortear todo o processo de alfabetização (FREIRE; MACEDO, 1990). Por seu turno, Saviani (2019, p. 325) desenvolve os seguintes apontamentos sobre o conceito de alfabetização de Paulo Freire:

O trabalho pedagógico nos círculos de cultura se iniciava pela projeção, com o uso de slides ou cartazes, da situação contendo a primeira palavra geradora. Após amplo debate sobre as várias implicações da situação analisada, chegava-se, mediante o processo de decodificação propiciada pela análise, à visualização da palavra geradora. Esta, projetada em novos slides ou cartazes, aparecia, primeiro, isolada do objeto, mas por inteiro; depois, separada em sílabas e, daí, às famílias fonêmicas, cuja ficha foi designada de “ficha da descoberta”. Para ilustrar o procedimento, o autor lançou mão da palavra “tijolo”. No primeiro passo, essa palavra era apresentada numa situação do trabalho em construção. Discutida essa situação, visualizava-se a palavra, que depois era apresentada sem o objeto: Tijolo. Numa nova projeção, ela aparecia desmembrada em suas sílabas: ti-jo-lo. Daí se chegava às famílias fonêmicas: ta-te-ti-to-tu; ja-je-ji-jo-ju; la-le-li-lo-lu. Finalmente, apresentava-se a projeção da “ficha da descoberta” contendo as três famílias fonêmicas em conjunto: ta-te-ti-to-tu; ja-je-ji-jo-ju; la-le-li-lo-lu.

A relação do andarilho da utopia com a alfabetização vai além de meras exortações teóricas. A sua atenção pedagógica direcionada a este fenômeno educacional é nutrida à sombra de uma mangueira, onde sentado sobre as raízes da árvore aprendeu a ler o mundo e as palavras (FREIRE, 1989). Dito isto, torna-se fundamental recordar que os alfabetizadores de Paulo Freire não eram professores e sim sua mãe Edeltrudes Neves Freire e seu pai Joaquim



Temístocles Freire (KOHAN, 2017). Sob a ótica do ensino tradicional os pais de Freire erraram durante sua educação, pois regaram este processo com amorosidade e paciência. Deste modo, através dessa transgressão inconsciente formaram um novo tipo de educador: um alfabetizador libertador.

Nesse ensejo, ao analisar as obras de Paulo Freire é evidente a sua atenção com a alfabetização de jovens e adultos. Dito isso, Gadotti (2013) anuncia em um dos seus escritos o ápice da didática freiriana que se materializou no fenômeno de Angicos, Rio Grande do Norte, quando o educador alfabetizou criticamente 300 trabalhadores/as em 40 horas. Consoante a isso, é mister destacar que a alfabetização não consiste na memorização mecânica do ba-be-bi-bo-bu, na perspectiva de Freire (2021) este ato deve ir além gerando nesse processo a problematização das situações de opressão impostas aos discentes.

Outrossim, em meio a vasta teoria desenvolvida por Paulo Freire (1983) destacam-se os Círculos de Cultura de educação popular, que tinham o intuito de humanizar, alfabetizar e letrar os/as trabalhadores/as que tiveram seu o direito à educação negado pela não efetivação de políticas públicas. Consoante a isso, Zelito (entrevista realizada em 08/11/ 2021) narra o processo de implementação dos Círculos de Cultura de educação popular no município de Saúde, Bahia:

Eu e Vilma aqui da comunidade de Saúde a gente criou um grupo de alfabetização a partir do método de Paulo Freire chamado de Círculo de Cultura, então nois fizemo isso num bairro periférico aqui na cidade do Alto da Santa Cruz. Como funcionava isso? Qual a dinâmica? Nois também até montar vamos dizer assim de aula nois fizemos também encontros e reuniões com as famílias pra vê quem tem interesse, aí a gente se reunia na casa de Dona Antônia a gente conseguia reunir entorno de uns 10 é pessoas.

Em face disso, compreende-se que nos Círculos de Cultura as práticas educacionais eram voltadas para as regiões historicamente subalternizadas pelas opressões do grande capital. Nesse sentido, ao longo desse artigo busca-se desvelar os caminhos percorridos pela teoria do andarilho da utopia (KOHAN, 2017) e o anseio de compreender os fenômenos da história de práticas educacionais problematizadoras suscitaram a construção dessa pesquisa. Além disso, este trabalho está embricado no ato de vislumbrar a possibilidade de pensar a estruturas didáticas utilizadas à luz da pedagogia da libertação materializada por este movimento de educação popular.

O trabalho como princípio pedagógico dos Círculos de Cultura de Educação Popular



Na teoria de alfabetização de Paulo Freire (1975) este processo é precedido por um período de observação, esta que é definida pelo educador como levantamento temático que corresponde a pesquisa realizada pelo docente sobre a cultura, crenças, costumes e as relações com o trabalho onde será realizada essa atividade. Posteriormente, esse panorama geral é destrinchado em palavras geradoras (FREIRE, 1975) a partir do contexto em que os sujeitos aprendentes estão inseridos. Deste modo, as atividades nos Círculos de Cultura materializavam nas práticas os conceitos epistêmicos freirianos, como salianeta Zelito (entrevista realizada em 08/11/ 2021):

Am não é fácil por que essas pessoas trabalhavam o dia inteiro, lembro que a gente tinha um dentre eles um gari e ele um senhor na época com seus 60 e poucos anos, eram todos assim nessa faixa etária entre 50 e 65 anos né, eu lembro que ele saia do trabalho todo dia, além do trabalho de gari que ele fazia, quando ele terminava aquele trabalho ele ia prestar também m outro tipo de serviço para outras pessoas: limpar quintal por exemplo né, limpar jardim e ai ele subia exatamente às 19h30, subia quela ladeira e chegava lá pra assistir.

Este fragmento da entrevista de Zelito reitera que os/as membros/as dos Círculos de Cultura de educação popular eram jovens, adultos e idosos pertencentes a classe trabalhadora que tiveram seu direito à educação negado. Comungante a isso, Gadotti (2014, p. 16) afirma que “não há sociedades que tenham resolvido seus problemas sociais e econômicos sem equacionar, devidamente, os problemas de Educação, e não há países que tenham encontrado soluções para seus problemas educacionais sem equacionar, devida e simultaneamente, a alfabetização” de adultos. Nesse ensejo, os Círculos de Cultura buscavam desenvolver nesses indivíduos subalternizados tanto habilidades de escrita, quanto a consciência de classe.

O trabalho dos monitores dos Círculos de Cultura consistiam em um trabalho gradual, onde os educandos antes de desenvolver habilidades de leitura e escrita passavam por um intenso período de diálogo sobre sua atual condição de sujeito (FREIRE, 2022a).. Ademais, Zelito salienta que (entrevista realizada em 08/11/ 2021):

Por que essas pessoas tinham um cotidiano de trabalho o dia inteiro como lidar com as pessoas que chegam cansadas, se você já leva assim uma coisa que num não chamasse atenção que não os prendesse iam cansar e não iam querer nunca, então foram quase dois ano e interessante que a gente conseguiu pessoas e depois o resultado era que era o mais interessante você conseguia realmente de pessoas que nesse tempo de dois anos já conseguia fazer escrever o seu nome né, mas assim sem sair daquele seu contexto de am da escrita de palavras que não eram do cotidiano deles.

Partindo disso, é possível afirmar que os pressupostos metodológicos utilizados nos Círculos de Cultura deveriam corroborar para o insentivo da permanência e de um aprendizado



significativo para os discentes. Partindo das falas de Zelito (entrevista realizada em 08/11/2021) consta que as atividades pedagógicas eram desenvolvidas a partir da realidade concreta do trabalho dos educandos.

Consoante a isso, os Círculos de Cultura forjados do Paulo Freire (1983) como método de pesquisa, estes que se configuram pela constituição de saberes por meio da dialogicidade e da problematização (FREIRE, 1970) da realidade em que seus membros estão inseridos. Ademais, Freire (2022b, p. 120) disserta que “os ‘círculos de pesquisa’ se alongam ‘Círculos de Cultura’; estes, por sua vez, exigem conteúdos educativos novos, de níveis diferentes, que demandam novas pesquisas temáticas”. Nesse sentido, as atividades dos Círculos de Cultura exigem um intenso período de pesquisa, pois a estrutura dialógica exige que o educador estruture sua prática didática a partir do universo temático dos membros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, os Círculos de Cultura foram um dos principais expoentes da educação popular presentes no semiárido baiano durante o final do século XX, pois as práticas pedagógicas promovidas por esse movimento era de natureza libertadora. Nesse sentido, para além de instituir um ensino contra hegemônico, os Círculos de Cultura tiveram um papel fundamental na propagação das teorias freirianas para os docentes que assistiam a população oprimida do estado da Bahia. A multiplicação dos ideias didáticos do andarilho da utopia instaurou-se nessa região a partir das formações dos/as monitoras que iriam atuar nessa estrutura de ensino.

Dentre as principais atividades dos Círculos de Cultura destacam-se as práticas direcionadas aos processos de alfabetização de jovens e adultos (AJA), que buscavam valorizar a leitura de mundo que os discentes carregavam consigo e ao mesmo tempo insentivar e viabilizar a leitura da palavra (FREIRE; MACEDO, 1990). Assim, o público alvo dos Círculos de Cultura consistiam nos grupos sociais em condição de vulnerabilidade em decorrência da condição de exploração promovidos pela macro estrutura capitalista. Portanto, os Círculos de Cultura objetivavam promover uma formação emancipatória da classe subalternizada a partir de pressupostos didáticos que tinham a relação dos educandos com o universo do trabalho como seu princípio pedagógico.

REFERÊNCIAS



BAHIA, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Análise Territorial da Bahia Rural**. Salvador, SEI, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Minho, Portugal, p. 221-236, 2003.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Autores Associados Ltda, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 1989. 49 p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 150 p.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 48 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022a. p. 110.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022b. p. 127.

FREIRE, Paulo. FREIRE, Ana Maria de Araújo (org.). **Pedagogia da Indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura da palavra leitura do mundo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 167.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. 275 p.

GADOTTI, Moacir. **Alfabetizar e Politizar**: Angicos, 50 anos depois. Revista de Informação do Semiárido – RISA, Angicos, RN, v. 1, n.1, p. 47-67, jan./jun. 2013. Edição Especial.

GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária. In: **Congresso Internacional de Pedagogia Social**. 2012.

GADOTTI, Moacir. **Por uma política nacional de educação popular de jovens e adultos**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2014. p. 44.

JOVCHELOVICH, Bauer MW. **Entrevista Narrativa**. In: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2002.

KOAN, Walter. **Paulo Freire mais que nunca**: uma biografia filosófica. 1 ed. Belo Horizonte: Vestígio, 2019. p. 269.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. 1. ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Mario Duayer. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013.



PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa**: abordagem teórico-prática. 18 ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2016. P. 142.

RIOS, Pedro Paulo Souza. **Narrativas do Fazer Pedagógico e a Formação Docente para a Educação de Jovens e Adultos**. In: RIOS, Pedro Paulo Souza; VIEIRA, André Ricardo Lucas (org.). Educação de Jovens e Adultos: Narrativas (auto)biográficas e trajetórias de formação docente no semiárido. 1. Ed. Curitiba: CRV, 2018. Cap. 1. p. 19 – 33.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 5ª ed. Campinas: Autores Associados, 2019. p. 471.

SAVIANI, Dermeval. Paulo freire, centésimo ano: mais que um método, uma concepção crítica de educação. v. 42. n. 1. **Educação Sociedade**: Campinas, 2021. p. 1 – 15.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 11ª ed. Campinas: Autores Associados, 2013a. p. 137.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. Cortez editora, 2017.

SIELLO, 2022. Disponível em: <https://www.siello.com>. Acesso em 1 de junho de 2022.

SILVA, David Lucas Oliveira da. GOMES, Bruno Jadson Jardelino. RIOS, Pedro Paulo Souza. A relação dos Círculos de Cultura de educação popular com a educação do campo. **Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão (RevNUPE)**, Senhor do Bonfim, v. 1, n. 1, 2022. p. 1 - 15.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. **Educação**, Porto Alegre. v. 34, n. 2, 2011. p. 213-220.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Educação e Cultura Contemporânea**, Salvador, v. 15, n. 39, p. 282-303, 2018.